



## **Protestos e Megaeventos: O panorama das mobilizações na cidade do Rio de Janeiro**

### **Autores:**

Aldrey Cristiane Iscaro - IPPUR/UFRJ - [aldreycris@hotmail.com](mailto:aldreycris@hotmail.com)

### **Resumo:**

Os megaeventos esportivos vêm ganhando força no país desde a solicitação da candidatura da cidade do Rio de Janeiro em 1995 para a sede dos Jogos Olímpicos de 2004. Como grandes projetos urbanos, tais como os megaeventos esportivos ocorridos no Brasil, desencadeiam uma diversidade de rupturas na cidade, temos como objetivo, aqui, descrever e mapear essas rupturas olhando através dos protestos relacionados aos megaeventos na cidade de Rio de Janeiro durante o período de 2006 a 2016. Para essa pesquisa utilizaremos como material de pesquisa a base de dados pública do 'Observatório de Conflitos Urbanos da Cidade do Rio de Janeiro'. Desta forma, utilizando o banco de dados já existente do Observatório, refinamos a nossa busca extraindo o nosso material de pesquisa, a saber, os protestos relacionados à questão dos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro, com recorte temporal dos anos de 2006 a 2016. Como metodologia de pesquisa utilizamos a pesquisa bibliográfica e a cartografia.

## Protestos e Megaeventos:

### O panorama das mobilizações na cidade do Rio de Janeiro

#### INTRODUÇÃO

Os megaeventos esportivos vêm ganhando força no país desde a solicitação da candidatura da cidade do Rio de Janeiro em 1995 para a sede dos Jogos Olímpicos de 2004. Todavia, a cidade escolhida foi Atenas<sup>1</sup>. Mais uma vez a cidade do Rio de Janeiro tenta se candidatar em 2002 a sede dos Jogos Olímpicos de 2012, mas a cidade escolhida foi Londres.

A cidade do Rio de Janeiro realizou no ano 2000 a sua candidatura oficial aos Jogos Pan-Americanos de 2007 e, no ano de 2002, a cidade foi anunciada como sede oficial. Durante o ano de 2003 os megaeventos esportivos ganharam mais evidência no cenário político brasileiro após a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) anunciar que o Brasil seria candidato à sede da Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol (FIFA) de Futebol Masculino de 2014, sendo escolhido oficialmente no ano de 2006 (evento a ser realizado em 12 cidades: São Paulo<sup>2</sup>, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília, Curitiba<sup>3</sup>, Recife, Fortaleza<sup>4</sup>, Cuiabá, Natal e Manaus)<sup>5</sup>.

Em 2007, além da realização dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, a cidade candidatou-se, pela terceira vez, aos Jogos Olímpicos, sendo anunciada, em 2009, como sede oficial do evento a ser realizado em 2016.

Além disso, a cidade do Rio de Janeiro sediou os Jogos Mundiais Militares em 2011 e a Copa das Confederações, realizada no Brasil em 2013.

Como grandes projetos urbanos, tais como os megaeventos esportivos ocorridos no Brasil, desencadeiam uma diversidade de rupturas na cidade, como explicam Vainer, Oliveira e Novais (2012), temos como objetivo, aqui, descrever e mapear essas rupturas olhando através dos protestos relacionados aos megaeventos<sup>6</sup> na cidade de Rio de Janeiro durante o período de 2006 a 2016.

---

<sup>1</sup> Sobre os megaeventos esportivos em Atenas, ver Stavrides (2016) e Samatas (2011).

<sup>2</sup> Sobre os megaeventos em São Paulo, ver Nobre, Bassani e D'Ottaviano (2017) e Nobre (2016).

<sup>3</sup> Sobre a influência da Copa do Mundo em Curitiba, ver Faria e Poli (2014).

<sup>4</sup> Sobre o contexto de Fortaleza, ver Vianna (2015).

<sup>5</sup> Para entender melhor o contexto brasileiro dos megaeventos esportivos, consultar Nobre (2017).

<sup>6</sup> Sobre o contexto dos protestos e megaeventos no Rio de Janeiro, ver Vainer (2013).

Para essa pesquisa utilizaremos como material de pesquisa a base de dados pública do ‘Observatório de Conflitos Urbanos da Cidade do Rio de Janeiro’<sup>7</sup>, pertencente ao Núcleo Experimental de Planejamento Conflitual (NEPLAC) do Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza (ETTERN) do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O Observatório registra os conflitos urbanos da cidade do Rio de Janeiro, entendidos como todo e qualquer confronto ou litígio relativo à infraestrutura, serviços ou condições de vida urbanas, que envolva pelo menos dois atores coletivos e/ou institucionais (inclusive o Estado) e se manifeste no espaço público (vias públicas, meios de comunicação de massa, justiça, representações frente a órgãos públicos, etc).

Tais dados são acumulados e registrados pelo ‘Observatório de Conflitos Urbanos da Cidade do Rio de Janeiro’ por meio de diversas fontes, tais como os jornais impressos e online da cidade do Rio de Janeiro, telejornais locais, programas de rádios, os Diários da Câmara dos Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro, relatos de movimentos sociais organizados e dos agentes diretamente envolvidos nos conflitos urbanos, juntamente com os conflitos urbanos cobertos pelo ‘Observatório de Conflitos Urbanos da Cidade do Rio de Janeiro’.

Além disso, o ‘Observatório de Conflitos Urbanos da Cidade do Rio de Janeiro’ registra e classifica os conflitos urbanos conforme as seguintes variáveis: data; objeto do conflito; forma do conflito e agentes envolvidos (mobilizados ou reclamados); o local do conflito (local de origem ou ao qual se refere o conflito) e local da manifestação (local onde foi realizado o evento ou ação coletiva que expressa a existência do conflito), classificações estas que também foram adotadas por nós enquanto atributos de nossos protestos cartografados.

Desta forma, utilizando o banco de dados já existente do Observatório, foram revistos todos os conflitos urbanos, buscando identificar aqueles que estão conectados à questão dos megaeventos<sup>8</sup>. Após esta seleção, refinamos a nossa busca extraíndo o nosso material de pesquisa, a saber, os protestos relacionados à questão dos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro, com recorte temporal dos anos de 2006 a 2016.

Como metodologia de pesquisa utilizamos a pesquisa bibliográfica e a cartografia. Para cartografar esses protestos utilizamos como ferramenta o programa QGIS (Geographic Information System), versão QGIS 3.4.1 'Madeira'. O QGIS é um Sistema de Informação

---

<sup>7</sup> O ‘Observatório dos Conflitos Urbanos da Cidade do Rio de Janeiro’ (ETTERN/IPPUR/UFRJ) oferece subsídios para os formuladores de políticas urbanas e coloca à disposição dos próprios agentes sociais um meio de divulgação de seus conflitos e um canal para a troca de experiências, contribuindo, desta forma, para a democratização, entre os cidadãos, da informação sobre sua cidade, cidade que constroem e reinventam, mas que, muitas vezes, desconhecem. Finalmente, ele constitui a matéria prima sobre a qual o Planejamento Conflitual instrui suas prioridades, temáticas e escalas espaciais, bem como as formas de equacionamento e enfrentamento dos problemas urbanos, tal como definidos a partir da leitura da conflituosidade.

<sup>8</sup> Esta pesquisa é um desdobramento de minha participação no Projeto ‘Planning and conflict: urban planning experiences in social conflicts context (2nd Phase)’, financiado pela Ford Foundation (Human Rights/Brazil & Just City Programme), dirigido pelo ETTERN/IPPUR/UFRJ. O objetivo geral do projeto é identificar, analisar, assessorar e difundir experiências de planejamento conflitual enquanto formas de intervenção planejada e recurso de luta e resistência de populações em situação de conflito. Um dos seus objetivos específicos é a produção de cartografia dos conflitos relacionados às Olimpíadas 2016 - durante e após a realização dos jogos -, à Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha e à Operação Urbana da área central de Niterói, e, desse objetivo, resolvemos ampliar o recorte temporal e modificar o recorte analítico.

Geográfica (SIG) de Código Aberto licenciado segundo a Licença Pública Geral GNU. O QGIS é um projeto oficial da Open Source Geospatial Foundation (OSGeo).

Utilizamos também como material de pesquisa uma série de dados disponibilizados por órgãos oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto Pereira Pos (IPP) da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, como base para a construção de nossas cartografias georreferenciadas no QGIS.

Este artigo está dividido em quatro partes: a parte introdutória, delineando os objetivos, o material de pesquisa e a metodologia; os aportes teóricos, onde trabalharemos a questão dos protestos e dos megaeventos; os resultados de nossa pesquisa e as considerações finais.

## APORTES TEÓRICOS

Para entendermos a questão dos protestos relacionados aos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro durante os anos de 2006 a 2016, exploraremos aqui de forma breve dois conceitos chave. Nesta sessão do artigo delinearemos, primeiramente, o conceito de protesto, e, após, trabalharemos o debate acerca dos megaeventos no Brasil.

Antes de descrevermos a noção de protesto, trazemos aqui a definição de movimento social. Della Porta e Diani (1999) apontam quatro elementos essenciais na caracterização da noção de movimento social. O primeiro é a concepção de movimento social como redes de interação informais dentre os diferentes indivíduos, grupos e organizações presentes no movimento. Tais redes promovem a circulação de fontes essenciais para a ação dos mesmos, tais como informação, recursos materiais e conhecimento; e, deste modo, contribuem para a criação de pré-requisitos para mobilização, além de proporcionar a elaboração de pontos de vista específicos e estilos de vida próprios. O segundo elemento é que um movimento social requer um arranjo de crenças compartilhadas e de um sentimento de pertencimento, visto que é através deste processo de redefinição simbólica que há a possibilidade da emergência das identidades coletivas, e, juntamente, a definição de um ator coletivo. O terceiro elemento para definir movimentos sociais é o engajamento dos atores em conflitos políticos e/ou culturais, seja para promover ou até se opor a mudanças sociais. E o último é o uso do protesto como estratégia da ação coletiva.

Entendemos que o protesto não é uma forma de ação exclusiva dos movimentos sociais, como explicam Della Porta e Diani (1999). Outros atores sociais, tais como partidos políticos ou grupos de pressão também fazem uso do protesto, e, ocasionalmente, fazem alianças com movimentos sociais em algumas causas. No entanto, o protesto, em sua forma mais inovadora e radical, é considerado como forma de ação típica dos movimentos sociais uma vez que estes têm poucos canais de acessos aos decision-makers e os movimentos sociais são lembrados muito mais pela sua forma de ação que pelos seus objetivos.

Os cidadãos, quando deparados por leis ou decisões consideradas por eles como injustas, adotam formas de ação para pressionar o governo que vão além das normas democráticas. Principalmente após os anos 60, um novo leque de atividades políticas foi

adicionado ao repertório de ação dos cidadãos, tais como demonstrações legais, assinar petições, boicotes, ocupações, protestar sentando em lugares proibidos, reter aluguéis ou taxas, bloquear ruas, greves não-autorizadas, etc. foram adicionadas e logo legitimadas às formas de lutas mais tradicionais, isto é, discutir política, organizar-se em partidos políticos e trabalhar para candidatos, fazer reuniões políticas, contatar políticos e oficiais e através do voto.

Os protestos, então, “they are unconventional methods of intervening in a government’s political decision-making. In fact, ‘social movements employ methods of persuasion and coercion which are, more often than not, novel, unorthodox, dramatic, and of questionable legitimacy’ (WILSON, 1973, p 227 apud DELLA PORTA e DIANI, 1999, p 168). Além disso, “it uses indirect channels to influence decision-makers (...), protest is a political resource of the powerless” (DELLA PORTA e DIANI, 1999, p 168).

Para o protesto obter sucesso, descrevem Della Porta e Diani (1999), ele deve produzir estímulo positivo, de modo a aderir simpatizantes que detém poder nas áreas decisórias. Enquanto ações coletivas que já possuem podem agir diretamente sobre os decision-makers, os grupos sem poder devem buscar quem pode influenciá-los. Essa influência pode ser tanto positiva, criando simpatia para a causa, quanto também negativa, ameaçando e causando desordem.

O formato do protesto, além disso, é pensado e escolhido dentre várias opções estratégicas. O formato de um protesto é escolhido, dentre vários fatores, através do objetivo que o protesto procura alcançar, e este formato procura convencer as autoridades políticas, tem que ser legítimo por parte de seus simpatizantes em potencial, tem que ser recompensador para aqueles que estão no movimento, e apresenta-se como novo para os olhos da mídia, tarefas estas nem sempre compatíveis. “In fact, protest action has an important internal function: creating that sense of collective identity which is a condition for action towards a common goal” (DELLA PORTA e DIANI, 1999, p 181).

É no protesto que se forma um sentimento de solidariedade e de identidade, criando redes de amizade, redes sociais para futuros protestos, são desenvolvidas divisões do trabalho entre os membros do protesto e seus simpatizantes, etc. No entanto, se os líderes do protesto optam por opções mais radicais, há um risco de se perder aliados em potencial. Então, quanto mais pacífica e institucional forem estas ações políticas não-convencionais, maior será a sua identificação com a sociedade, e, assim, maior será a sua aprovação. A mídia também exerce um papel importante na efetividade do protesto, na medida em que é a mídia que transmite a mensagem do protesto e dá publicidade a ela. Entretanto, um protesto de tipo mais moderado, que tende a agradar mais os simpatizantes e atrair suporte ao movimento, raramente será uma preocupação jornalística.

Os movimentos sociais se deparam com uma série de dilemas estratégicos na escolha do formato do protesto. Estas escolhas são limitadas por vários fatores internos e externos ao próprio protesto, já que os diferentes repertórios de ação disponíveis são finitos em tempo e espaço, e ainda, seguidos pelas tradições dos ativistas, uma vez que uma forma de ação de protesto pode ser reutilizada novamente em outros protestos, ou até adaptado se a forma de protesto já obteve legitimidade por parte da sociedade. A escolha do repertório a ser utilizado,

de certa maneira, dependerá de fatores culturais e da disponibilidade de fontes materiais para os grupos realizarem os protestos.

No caso deste artigo, analisaremos os protestos relacionados aos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro. Entendemos, aqui, os megaeventos como grandes projetos urbanos. Novais (2012) descreve que a partir dos anos oitenta, dentre o leque de intervenções urbanas, passaram a figurar iniciativas de processos de desenvolvimento urbano fundamentadas em intervenções pontuais no espaço físico. Tais iniciativas constituem um conjunto relativamente amplo de práticas denominadas por projeto urbano. Um projeto urbano, desta maneira, relata Novais (2012), não se trata exclusivamente de um modo de intervenção, mas também um modo de pensar, um conceito no qual prevalece a lógica do processo juntamente com a consideração de atores variados constitutivos de um complexo contexto socioeconômico.

Além disso, explana Ingallina (2001) *apud* Novais (2012), o projeto urbano é ideia em construção que implica em uma ruptura com o urbanismo tradicional, uma vez que geralmente os projetos urbanos são apresentados como sendo capazes de promover soluções aos problemas sociais, econômicos, culturais e ambientais com que se deparam as aglomerações urbanas apoiadas na variedade de novos instrumentos de intervenção na cidade.

No Brasil, a história recente do planejamento urbano e do urbanismo revela que a cidade vem sendo tratada como lugar da produção de desigualdades sociais, apontam Ribeiro (2001) e Vainer (2000) *apud* Novais (2012). Todavia, os projetos urbanos vêm acompanhando os discursos sobre a atração de capitais e a competitividade na economia global relacionados ao interesse em sustentar e garantir o desenvolvimento local, mas sem atenção em como serão os benefícios e custos desse desenvolvimento para a sociedade como um todo. Além do mais, relata Novais (2012), há um número cada vez mais crescente de atores em operação nos projetos urbanos, e tomar a escala global como referência analítica significa entender que os projetos urbanos são apoiados em múltiplas competências e negociações não restritas ao Estado.

Desta forma, os projetos urbanos estão em oposição às práticas urbanísticas do modernismo, uma vez que a cidade é tomada em fragmentos, articulados em um sistema, e o desenvolvimento destes projetos não pode ser totalmente antecipado como se dependesse de um único e onipotente ator, o Estado.

No caso de grandes projetos urbanos, como os megaeventos, Vainer, Oliveira e Novais (2012) descrevem os mesmos como aqueles que desencadeiam rupturas nos espaços físico e social da cidade, em suas múltiplas dimensões, contribuem para a consolidação de mudanças na dinâmica socioespacial, caracterizadas por reconfigurações escalares, além de causarem rupturas institucionais, urbanísticas, legais, políticas, simbólicas, e, além disso, rupturas na dinâmica imobiliária da cidade.

## OS PROTESTOS E OS MEGAEVENTOS

Nesta sessão da pesquisa descreveremos as cartografias dos protestos relacionados aos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro durante os anos de 2006 a 2016. Apresentaremos, aqui, os mapas de calor dos protestos ocorridos em cada ano, gerado a partir da função “Heatmaps” (Mapas de Calor) do QGIS, que é uma das melhores ferramentas de visualização para dados de ponto densos. Essa ferramenta é utilizada para identificar grupos onde existe uma elevada concentração de atividade. E, em seguida, descreveremos os protestos, relatando categorias como a forma de ação do protesto, onde ocorreu, os atores envolvidos e o conteúdo reivindicatório.

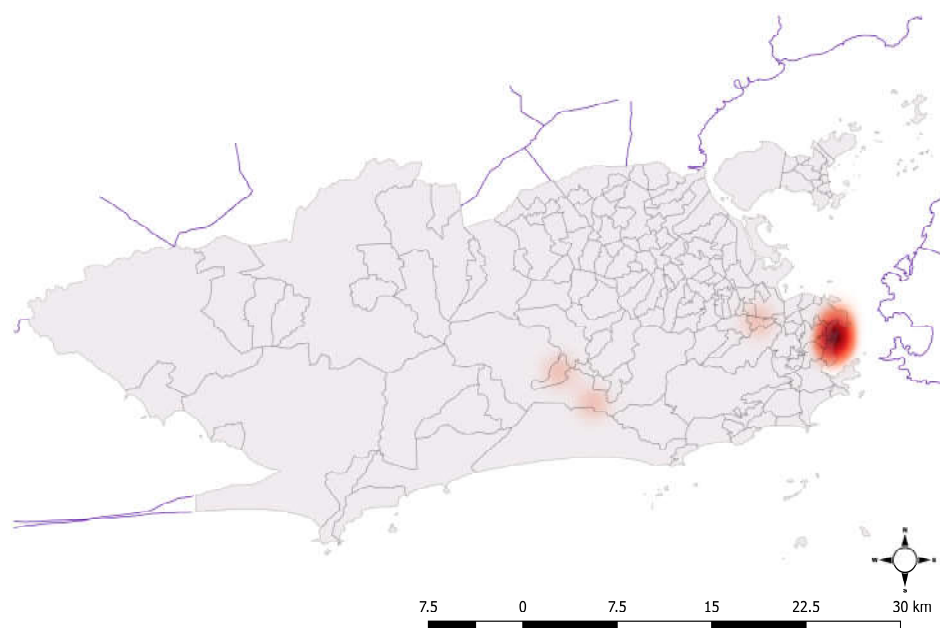


Figura 1 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2006

No ano de 2006 podemos observar que foram realizados oito eventos de protesto na cidade do Rio de Janeiro. Quatro deles foram realizados no eixo dos bairros Glória-Flamengo e estavam relacionados aos Jogos Pan-Americanos de 2007, sendo que três deles eram protestos contra as obras na Marina da Glória, a saber, a construção de uma garagem de barcos na Marina da Glória para a prova de iate. Dois deles foram realizados na Marina da Glória e o outro no Parque do Flamengo. Membros do Comitê Social do Pan, entidades e moradores da Glória e Flamengo afirmaram que o projeto da garagem agride o patrimônio histórico e prejudica a vista da enseada, uma vez que as instalações iriam obstruir a visão dos morros Cara de Cão, Pão de Açúcar e da Urca, que hoje podem ser observados do Parque do Flamengo, tombado por lei federal. O Instituto do Patrimônio Histórico (IPHAN) tinha conseguido o embargo das obras na Justiça e a concessionária que estava realizando as obras recorreu da decisão. A execução do projeto ainda dependia de um acordo com o IPHAN. O outro protesto ocorreu no Parque do Flamengo para exigir a paralisação de obras no Parque,



a saber, a privatização de quase cem mil metros do Parque. Os manifestantes acusavam a retirada de árvores e a proibição de circulação dos cidadãos na rua que contorna a Marina. Os cem mil metros quadrados de parque seriam transformados em estacionamento para ônibus de turismo e automóveis. Também seriam construídos um centro de convenções, sanitários, bares e vestiários.

Outro protesto também ocorreu em frente ao Ministério Público do Rio de Janeiro, no centro da cidade, e foi realizado por moradores do bairro do Alto da Boa Vista e membros do CONCA, Conselho de Cidadania do Alto da Boa Vista, reivindicando a revisão do laudo que decretava a remoção de mais de 30 comunidades da região e de Jacarepaguá. O prefeito da cidade do Rio de Janeiro afirmou que as favelas estavam poluindo e degradando uma área de proteção ambiental e que essas áreas seriam incorporadas na estrutura para os Jogos Pan-Americanos de 2007<sup>9</sup>.

Dois protestos ocorreram na região da Barra da Tijuca, sendo um deles em Curicica, onde moradores protestavam contra as constantes enchentes na região e reivindicavam a realização de obras de dragagem e canalização do Rio Pavuninha. O bairro de Jacarepaguá, que era um dos que mais sofriam com as fortes chuvas na cidade, seria passagem obrigatória de atletas e participantes dos jogos do Pan no ano de 2007.

E, por último, ocorreu um protesto no bairro do Maracanã, onde cerca de trinta indígenas ocuparam o prédio do Antigo Museu do Índio no Estádio Jornalista Mário Filho<sup>10</sup>, também conhecido como Maracanã, e reivindicavam a revitalização do local.

---

<sup>9</sup> Para entender melhor a questão dos Jogos Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro e seu legado, consultar Mascarenhas (2005).

<sup>10</sup> Para entender melhor a questão da reforma do Estádio Maracanã, ver Oliveira, Sánchez e Bienenstein (2015).



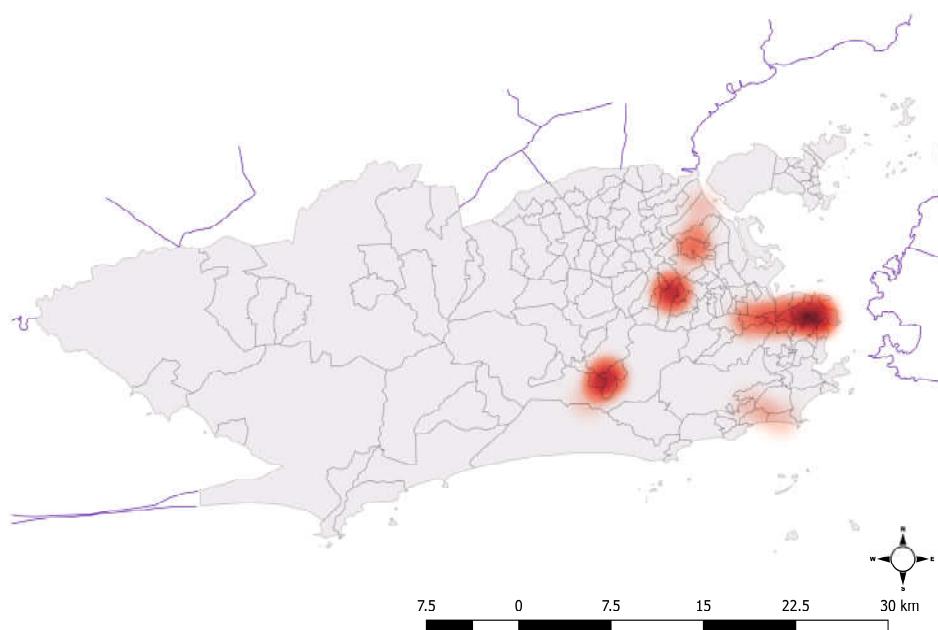


Figura 2 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2007

Já durante o ano de 2007 ocorreram 20 protestos relacionados a megaeventos na cidade do Rio de Janeiro. Três deles ocorreram no bairro Engenho de Dentro, em específico no entorno do Estádio Olímpico João Havelange, também conhecido como Engenhão<sup>11</sup>. Um desses protestos era de 500 trabalhadores envolvidos nas obras do Engenhão, que descreviam como indignas e desrespeitosas as condições de trabalho no canteiro de obras e reivindicavam aumento de salários e exigiam melhores condições de trabalho e apontaram atividades em lugares insalubres. Os outros dois protestos eram de moradores do entorno do Engenhão, que protestavam contra a remoção de cinco casas que estão no caminho das obras do Pan 2007, a saber, as casas serão demolidas para a construção de uma das entradas do Estádio.

Três protestos ocorreram no bairro do Canal do Anil, em Jacarepaguá, onde os moradores ameaçados de serem retirados de suas casas protestavam contra as suas remoções<sup>12</sup> em função da construção da Vila do Pan<sup>13</sup> para os Jogos Pan-Americanos em 2007. Em um desses protestos os moradores do Canal do Anil protestavam contra a Prefeitura e estavam acompanhados e apoiados por moradores do Borel, Tijuca e da favela da Rocinha, e realizaram um manifesto em frente à Vila Pan-Americana, totalizando cerca de 200 pessoas. Eles protestavam contra a remoção de cerca de 500 famílias que residem atrás dos 17 prédios da Vila devido ao evento esportivo que ocorrerá em julho de 2007.

Dois protestos ocorreram no Morro do Alemão, onde moradores protestavam contra a ocupação policial e as operações sociais no Alemão. Um dos motivos da ocupação policial se

<sup>12</sup> Sobre as remoções no contexto carioca, ver Nacif e Faulhaber (2014).

<sup>13</sup> Sobre a Vila Olímpica de Londres, consultar Muñoz (2006).

deu devido a localização do Alemão, que é perto do Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, conhecido também como Galeão, aeroporto este estratégico na chegada e partida de turistas e atletas para os Jogos do Pan de 2007<sup>14</sup>.

No bairro da Penha também ocorreu um protesto, onde moradores do bairro da Penha se uniram numa caminhada pela paz e sugeriram melhorias para o bairro. A violência é um dos principais problemas da região. Desde maio de 2007, a polícia tem feito operações frequentes nos conjuntos de favelas do Alemão e da Penha para reprimir o tráfico de drogas. Muitas pessoas morreram vítimas de balas perdidas. A área é estratégica devido a sua proximidade com o Aeroporto Galeão.

Outro protesto ocorreu em Ipanema onde fiéis comemoraram os 85 anos da Paróquia Nossa Senhora da Paz com uma procissão pela paz durante os Jogos Pan-Americanos 2007.

Outro protesto ocorreu na Gávea, onde moradores de diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro fizeram uma caminhada pela paz. No clima de Pan-americano, os manifestantes carregavam uma réplica da tocha, símbolo dos Jogos. Quase 200 pessoas fizeram o percurso, que começou na Praça Santos Dumont, na Gávea, seguiu pela rua Marquês de São Vicente, passou pelo Parque da Cidade, pela Rocinha e terminou em São Conrado.

Ocorreu também um protesto no bairro do Maracanã, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Estudantes e funcionários da UERJ espalharam faixas em que protestaram contra o que chamaram de pandemônio social na saúde, na educação e na segurança em contraste aos investimentos na realização dos Jogos do Pan.

Outro protesto ocorreu na Barra da Tijuca, onde proprietários dos apartamentos da Vila do Pan realizaram um protesto na Avenida Ayrton Senna, na Barra da Tijuca, alegando que a prefeitura ainda não concedeu o habite-se, a certidão que finaliza o processo de licenciamento da obra, e que por isso nenhum proprietário conseguiu tirar a escritura do imóvel.

Além disso houve um protesto nas galerias da Câmara Municipal realizado por integrantes do Fórum Popular do Plano Diretor, que, para além de exigir a democratização das discussões em torno da elaboração do Plano Diretor da cidade, reivindicou a suspensão da remoção de comunidades pobres, tais como as já executadas no Canal do Cortado, no Arraial Pavuna e a que já foi iniciada no Canal do Anil e que sejam incorporados no debate e no processo decisório as comunidades e bairros atingidos pelas intervenções e alterações urbanísticas promovidas sob o argumento da viabilização dos Jogos Pan-Americanos de 2007.

Outro protesto ocorreu no bairro do Maracanã, onde os alunos Escola Técnica Estadual Ferreira Viana, da Fundação de Apoio a Escola Técnica (Faetec) organizaram um protesto durante a inauguração de uma quadra esportiva no colégio, feita pelo governador do Estado, Sérgio Cabral. Os alunos fizeram uma carta com 15 reivindicações, baseando-se no fato de que há dinheiro para o Pan, mas não para o ensino público.

---

<sup>14</sup> Para entender a questão da pacificação no Rio de Janeiro, ver Silva (2012).

Além disso, outro protesto ocorreu em frente à sede da Prefeitura do Rio foi realizado no dia da abertura dos Jogos Pan-Americano do Rio de Janeiro. O protesto denunciava a violência, a miséria, a desigualdade social e os gastos públicos destinados às obras do Pan-Americano. O Prefeito César Maia também foi acusado de limpar a cidade retirando das ruas os mendigos, as prostitutas, as crianças de rua e os catadores de papel.

Ocorreu também um protesto no Maracanã, onde ocorreu a abertura dos jogos. Um grupo que estava no protesto em frente à Prefeitura se deslocou para o Maracanã, que encontrou com indígenas que também faziam uma manifestação contra as prisões e assassinatos de suas lideranças. O ato terminou na ocupação Tamoio dos Povos Originários, no antigo Museu do Índio, em frente ao Maracanã.

Outro protesto ocorreu na Cinelândia, onde parentes de um jovem que trabalhou como voluntário nos Jogos Pan-Americanos de 2007, fizeram um protesto de tarde na Cinelândia, pelo desaparecimento dele em julho.

Ocorreu também um abaixo-assinado juntamente com uma denúncia feita por representantes de associações ligadas à defesa dos direitos de portadores com deficiência na Câmara dos Vereadores. O protesto era contra a Prefeitura e contra empresas privadas envolvidas com os Jogos Parapan-Americanos do Rio de Janeiro devido aos inúmeros crimes contra os atletas paraolímpicos, como a discriminação sofrida desde o início dos jogos, quando o Comitê Paraolímpico Brasileiro foi excluído da organização do evento.

Por fim, ocorreu também um protesto no centro do Rio de Janeiro, onde o diretor do Hospital Municipal Souza Aguiar, José Macedo de Araújo Neto, e 30 médicos chefes de equipe pediram demissão e entregaram um documento com várias reclamações sobre a rotina da unidade ao secretário municipal de Saúde, Jacob Kligermann. Além das reivindicações por investimentos em recursos humanos e por reparos urgentes na estrutura do prédio, o pedido de demissão foi também um protesto contra o fim do plano emergencial criado para reforçar o atendimento durante o Pan e que incluía o aumento da carga horária dos médicos da emergência de 24 para 48 horas semanais.

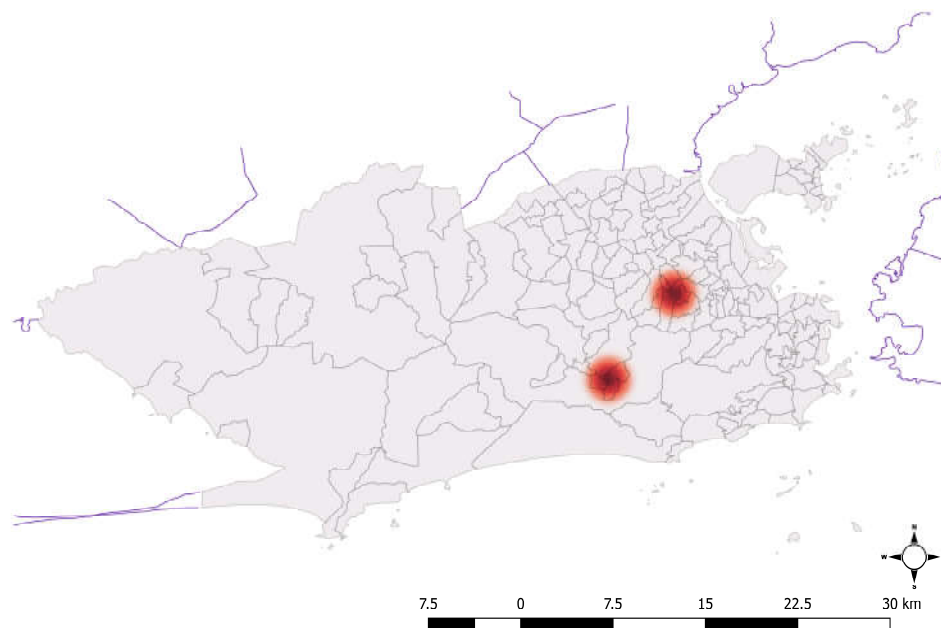
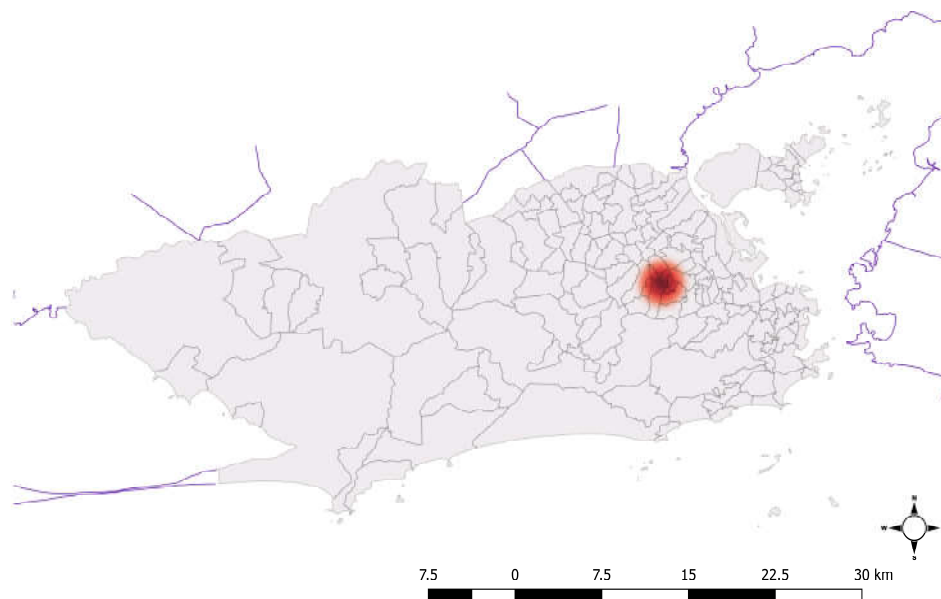


Figura 3 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2008

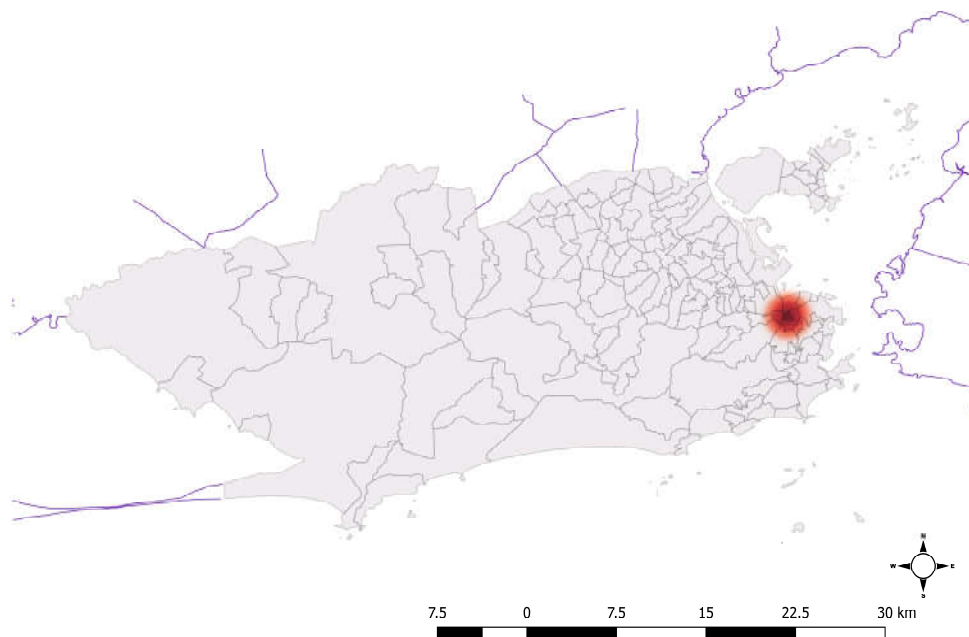
No ano de 2008, por sua vez, houveram dois protestos. O primeiro ocorreu no Engenho de Dentro, onde um protesto contra a Prefeitura do Rio foi realizado pela Associação de Moradores do Entorno do Engenhão, alegando o adiamento do pagamento do IPTU uma vez que o que a Prefeitura prometeu durante a construção do estádio do Engenhão, no Engenho de Dentro, não foi cumprido. Entre as promessas estava a construção do Centro Olímpico de Desenvolvimento de Talentos ao lado do estádio, que atenderia 6 mil crianças, com centro médico, salas multimídia e quadras poliesportivas.

O segundo protesto ocorreu em Jacarepaguá, onde moradores do Canal do Anil enviaram uma carta através do presidente da Associação de Moradores, Francisco Alberto dos Santos, exigindo dos vereadores da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, o apoio legal para a defesa de suas moradias, além disso os moradores reivindicaram na carta que os Vereadores aprovem o projeto de lei 1238/2007 de autoria de Eliomar Coelho que torna o Canal do Anil, área de interesse especial. Por fim, os moradores exigiam que o Canal do Anil seja alvo de urbanização, através de mais verbas, projetos e assistência técnica sem a necessidade de remoções.



*Figura 4 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2009*

No ano de 2009 ocorreu um protesto no bairro do Engenho de Dentro, onde os moradores do entorno no Estádio João Havelange, também conhecido como Engenhão, denunciaram uma série de problemas que vêm sofrendo desde a época das obras do estádio, há um ano e meio. Disseram que a umidade do terreno do Engenhão, que foi aterrado para as obras dos jogos Pan-Americanos, provocou infiltração e rachaduras em suas casas. Marcia Affonso Vieira, moradora de um prédio vizinho ao Engenhão, na Rua José dos Reis, afirmou que por causa das infiltrações perdeu vários eletrodomésticos. O presidente da Associação de Moradores do Entorno do Engenhão, Aníbal Antunes, lembrou outra preocupação da vizinhança: a existência de uma calha que foi feita nas obras do estádio entre os muros do Engenhão e das casas.



*Figura 5 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2010*

No ano de 2010, por sua vez, houve um protesto, onde os moradores da Vila Autódromo<sup>15</sup> protestaram em frente à Prefeitura do Rio de Janeiro reivindicando a regularização fundiária além de melhorias na região de suas moradias. Altair Guimarães, presidente da Associação de Moradores da Vila Autódromo (AMVA), declarou que a realização dos Jogos Olímpicos é apenas um pretexto para retirar a comunidade, que fica na Barra da Tijuca, região nobre na zona oeste do Rio, e já foi ameaçada de sair outras vezes. A remoção da Vila Autódromo é fundamental para a especulação imobiliária do local que vai receber o Parque Olímpico e da expansão da Barra da Tijuca.

---

<sup>15</sup> Para entender melhor a questão da Vila Autódromo, ver Oliveira, Tanaka e Bienenstein (2016).

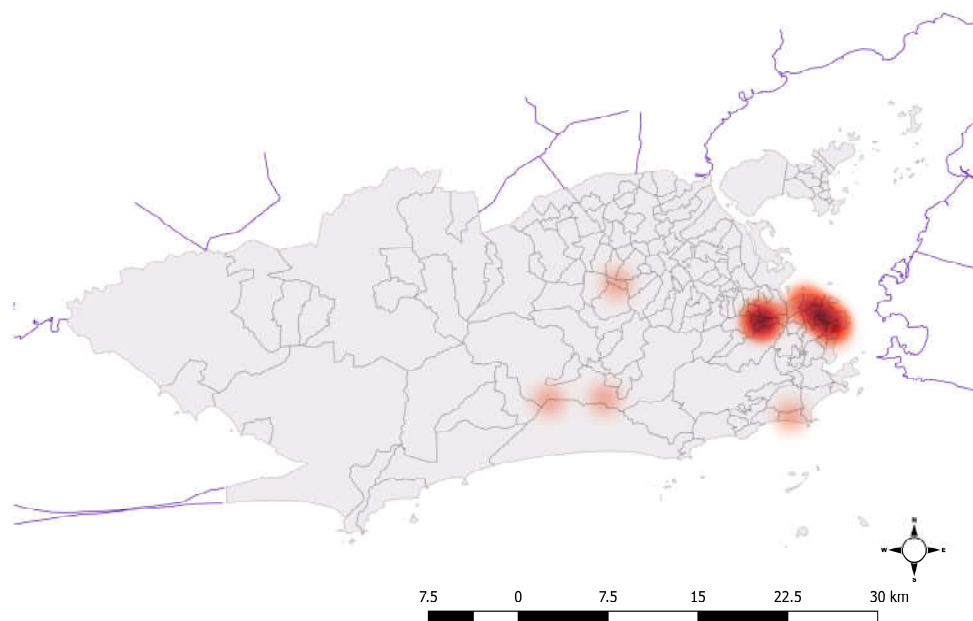


Figura 6 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2011

Já no ano de 2011 foram realizados 12 eventos de protesto relacionados aos megaeventos. Um dos protestos ocorreu no bairro do Campinho, onde moradores protestaram contra a remoção de suas casas. As famílias relataram a presença ao longo da semana de fiscais da Prefeitura que usaram de intimidação, chantagens e ameaças contra os moradores que resistissem à remoção. A Prefeitura afirma que as remoções são necessárias para a implantação da Transcarioca (faixa exclusiva de ônibus que ligará a Barra ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, na Ilha). Essas obras fazem parte do pacote de mudanças para as Olimpíadas e a Copa do Mundo.

Além disso, dois protestos ocorreram na Cinelândia. O primeiro deles onde cerca de 100 pessoas protestaram contra a remoções e despejos forçados pelo Estado. O protesto foi um desdobramento do Fórum Social Urbano, fruto da mobilização de diversos movimentos sociais do Rio de Janeiro e das cidades brasileiras que receberão jogos da Copa do Mundo em 2014. Essas organizações formaram o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas<sup>16</sup>. Os manifestantes denunciaram o gasto econômico muitas vezes superior ao anunciado inicialmente para a realização dos Jogos Pan-Americanos em 2007 e que os megaeventos serviam de pretexto para especulação imobiliária e desrespeito aos direitos humanos. O segundo protesto ocorreu simultaneamente em várias cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 para marcar o lançamento de um dossiê com dados sobre violações de direitos humanos por causa das obras e transformações urbanas para a Copa do Mundo em 2014, como a remoção de 160 mil famílias. No caso da cidade do Rio de Janeiro, o documento também inclui denúncias contra as obras para as Olimpíadas de 2016.

<sup>16</sup> Sobre o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas ver Tanaka e Cosentino (2014).



Dois protestos também ocorreram no centro do Rio de Janeiro, mais especificamente no Morro da Providência. Um deles contra as remoções e ações arbitrárias em nome dos Jogos Olímpicos de 2016 e da Copa do Mundo em 2014. O protesto iniciou no morro da Providência, recém ocupada por uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), e circulou pela zona portuária, onde há o projeto do Porto Maravilha da Prefeitura. Os manifestantes denunciaram irregularidades relacionadas aos megaeventos, como obras superfaturadas, aumento da repressão aos movimentos sociais, isenção de impostos aos grandes empresários, remoções ilegais de comunidades, e o aumento da especulação imobiliária. O outro protesto era contra a remoção de cerca de 700 moradias para a construção de um teleférico, uma das obras inseridas no plano de reurbanização da comunidade, inserida no Projeto Porto Maravilha.

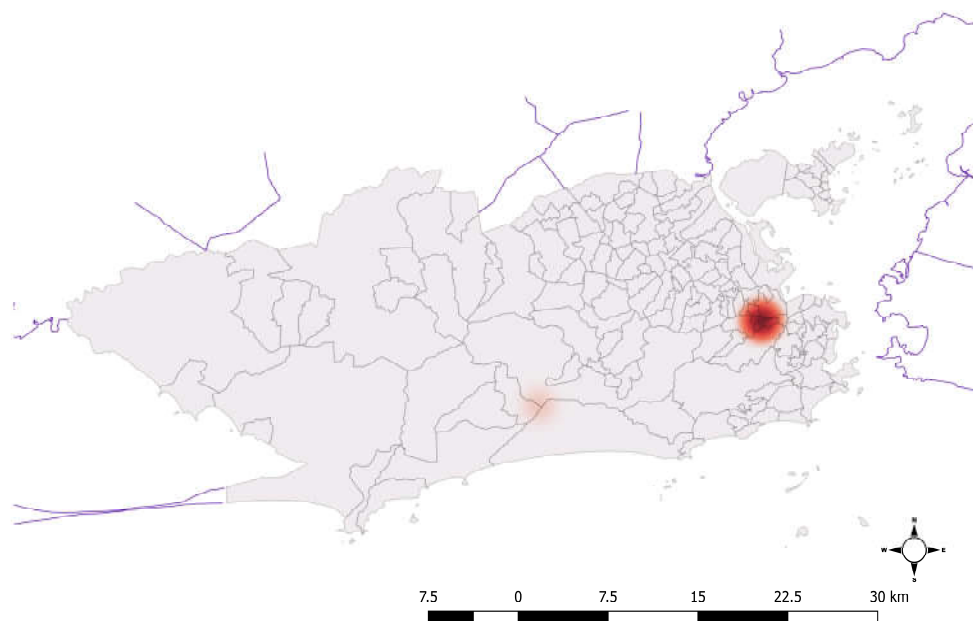
Outro protesto ocorreu no bairro do Catete, seguindo em direção à Marina da Glória, em protesto às remoções provocadas pelas obras para a Copa do Mundo e Olimpíadas. Os manifestantes reivindicavam a transparência dos serviços públicos e os direitos das pessoas atingidas pelas remoções. Moradores de bairros atingidos pelas obras, tais como Canal do Anil, Vicente de Carvalho e Vila Autódromo estiveram presentes.

Outro protesto ocorreu em Ipanema, onde cerca de 150 moradores realizaram um protesto na Praça Nossa Senhora da Paz contra a construção de uma estação do metrô no local. Um morador afirmou que a praça era frequentada por 'crianças diferenciadas' e, por fazer ligação direta com a Pavuna, bairro mais pobre da zona norte, a estação representaria um risco. A construção da estação de metrô está relacionada com a expansão do transporte público para a ligação com a Barra da Tijuca, local dos jogos Olímpicos.

Ocorreu também um protesto na Barra da Tijuca, onde moradores da Vila do Pan, construída na Avenida Ayrton Senna para os Jogos Pan-Americanos de 2007, fizeram um protesto denunciando problemas estruturais no condomínio, durante a inauguração do primeiro trecho da Transoeste. Os moradores da Vila do Pan reclamam da péssima qualidade das obras, com as ruas do entorno do condomínio afundando e rachando, postes de luz tortos, portões empenados, além de abandono de algumas obras, como o campo de futebol.

Três protestos ocorreram no Maracanã, todos realizados por operários que trabalhavam nas obras de reforma do Estádio do Maracanã para a Copa do Mundo. Os trabalhadores reivindicaram plano de saúde, mais segurança no trabalho, aumento do vale alimentação, aumento salarial, pagamento de hora extra, a presença de médicos no turno da noite e uma alimentação mais adequada. As greves se iniciaram quando o operário Carlos Felipe da Silva, de 23 anos, se feriu após explosão de barril que continha produtos químicos. O operário ferido sofreu uma fratura no joelho e queimaduras na perna.

Por fim, ocorreu também um protesto em Jacarepaguá, na Vila Autódromo, onde moradores protestaram contra a remoção de suas casas. A comunidade Vila Autódromo resiste aos projetos de remoção desde o início das obras para os Jogos Pan Americanos de 2007, tornando-se um símbolo de resistência.



*Figura 7 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2012*

No ano de 2012 ocorreram seis protestos relacionados aos megaeventos. Um deles em Jacarepaguá, onde cerca de duas mil pessoas, moradoras da Vila Autódromo, integrantes da Cúpula dos Povos e movimentos sociais de todo o país protestaram contra a remoção da comunidade, localizada em uma área de grande interesse para a realização dos Jogos Olímpicos de 2016.

Cinco protestos ocorreram no Maracanã, contra a privatização do Estádio do Maracanã, organizada pelo Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro e contra as demolições no Maracanã, organizados por representantes do Comitê Popular da Copa, do Museu do Índio e pais de alunos da Escola Municipal Friedenreich. Um deles se iniciou na Praça Saens Peña, na Tijuca e seguiu até o Estádio Mário Filho na manifestação O Maraca é Nosso!. Tratava-se de um protesto contra a privatização e as demolições do Complexo do Maracanã. Os protestos também visavam evitar a demolição do Parque Aquático Julio Delamare, do Estádio de Atletismo Célio de Barros, da Escola Municipal Friedenreich e do prédio onde funcionou o Museu do Índio.

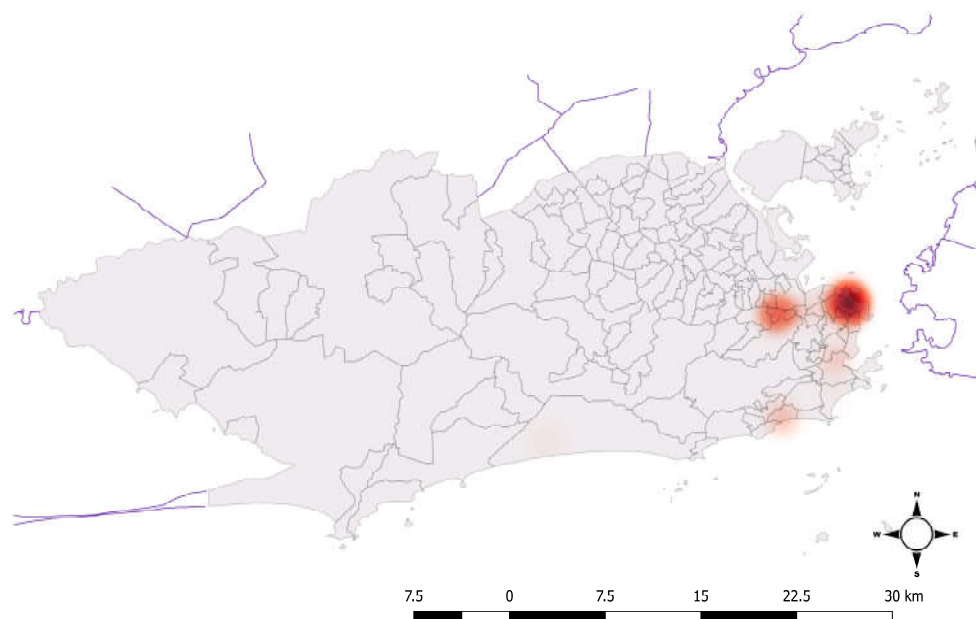


Figura 8 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2013

O ano de 2013, por sua vez, foi o ano onde ocorreram mais protestos, totalizando o número de 44, a maioria deles pertencentes às Jornadas de Junho. Dois deles ocorreram na Barra da Tijuca, denominados ‘Golfe para quem?’, onde manifestantes defenderam a preservação da Área de Proteção Ambiental (APA) de Marapendi, na Barra da Tijuca, onde o governo municipal pretende construir um campo de golfe para as Olimpíadas de 2016.

Cinco protestos ocorreram no antigo Museu do Índio no Estádio Maracanã, que gerou também um breve período de ocupação do Museu. Um grupo de indígenas se instalou no antigo Museu do Índio para resistir à demolição do edifício, cujo qual o governo queria demolir para aumentar a área do estacionamento do estádio do Maracanã.

Outro protesto ocorreu no Museu do Índio em Botafogo, onde os índios que tinham sido retirados do antigo Museu do Índio no Maracanã ocuparam Museu do índio em Botafogo, a favor da permanência dos índios no antigo Museu do índio no Estádio do Maracanã. Os índios reivindicavam a sua reintegração na Aldeia Maracanã.

Dois protestos ocorreram no Estádio Célio de Barros, no Maracanã, onde um grupo de manifestantes realizaram um protesto contra o estado de conservação do local e criticaram a intenção do governo de transformar o local em um estacionamento para a reforma do estádio para a Copa do Mundo. O Estádio foi praticamente destruído em virtude das reformas realizadas no entorno, mesmo sendo considerado a principal pista de atletismo do Estado do Rio de Janeiro. Índios e simpatizantes da causa indígena acampados na Aldeia Maracanã reforçaram a manifestação.

Outro protesto ocorreu no centro do Rio de Janeiro, em frente ao Tribunal de Justiça, em repúdio as prisões realizadas durante protestos. A manifestação seguiu até a Assembleia Legislativa do Rio, passou pela Cinelândia e terminou nos Arcos da Lapa. Os manifestantes distribuíam faixas pretas para serem colocadas na cintura em sinal de luto, e flores, as quais simbolizavam um funeral. Também foi simulada uma partida de futebol para lembrar a falta de transparência dos gastos públicos com a Copa do Mundo.

Foi realizado também um protesto em frente ao prédio da Odebrecht, em Botafogo, Zona Sul do Rio, para exigir o cancelamento imediato do consórcio que concede a administração do Maracanã à empresa. Uma das reivindicações era 'O Maraca é Nosso!'.

Seguindo a mesma linha outro protesto foi realizado na praça Saens Peña, no bairro da Tijuca, com cerca de cinco mil pessoas, seguindo em passeata até o estádio do Maracanã para protestar contra a concessão do estádio à iniciativa privada. O grupo participante do ato não conseguiu chegar ao estádio devido a um bloqueio armado pela Polícia Militar. Os manifestantes permaneceram em frente à barreira policial, sentando-se no chão. O fim das remoções provocadas pelo evento da FIFA e pelas Olimpíadas também estava na pauta de reivindicações. Outros três protestos também ocorreram no entorno do estádio Maracanã, sendo que dois deles eram contra os gastos com a Copa do mundo, a privatização dos estádios e a demolição do Parque Julio Delamare e o Estádio Célio de Barros, além da política de remoções da prefeitura municipal para a construção do Parque Olímpico, na Barra da Tijuca, assim como da utilização de área de proteção ambiental no bairro para a construção de prédios e do campo de golfe da Olimpíada 2016. O outro protesto era de operários do Consórcio Maracanã Rio 2014, que reivindicavam melhores salários e benefícios.

Ocorreu também um protesto em Copacabana, onde o grupo Rio de Paz, filiado ao Departamento de Informação Pública (DPI) da Organização das Nações Unidas, o qual reivindicou para que o governo ofereça saúde, educação, segurança e outros serviços com o mesmo empenho dedicado às obras em estádios para a Copa das Confederações e do Mundo, em 2014, isto é, serviços públicos 'Padrão Fifa'.

Houveram também cinco protestos no Leblon, que se englobaram a uma breve ocupação, o Ocupa Cabral durante as Jornadas de Junho, na esquina da rua onde mora o governador Sérgio Cabral. Dentre as reivindicações estavam o fim da corrupção, a instalação de uma CPI para a Copa e os contratos do governo do estado com a construtora Delta.

Dois protestos ocorreram no Palácio Guanabara, sede do governo estadual do Rio de Janeiro. O protesto, englobando o 'Fora Cabral', 'Fora Renan Calheiros' e 'Não vai ter Copa', era contra o descaso das autoridades em relação ao povo fluminense.

Houve quatro protestos no centro da cidade, caminhando pela Avenida Presidente Vargas da Igreja da Candelária até a Prefeitura do Rio de Janeiro, pertencente às Jornadas de Junho. Em três deles, os protestos foram convocados pelas redes sociais e tem como pauta principal o aumento das passagens além de críticas também aos gastos com a Copa e Olimpíadas, às péssimas condições do transporte pública carioca, da saúde, da educação e, ainda, ao Prefeito e ao atual Governador do Rio de Janeiro, bem como o fim das remoções e

a desmilitarização e o posterior fim da Polícia Militar. No outro protesto, também em frente à Prefeitura, foi realizado por moradores da Vila Autodromo, contra a remoção de suas casas.

Outros dezesseis protestos também ocorreram no centro do Rio de Janeiro, sendo que um deles na Câmara Municipal, oito deles na Candelária, quatro na Cinelândia e três na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), todos pertencentes às Jornadas de Junho.

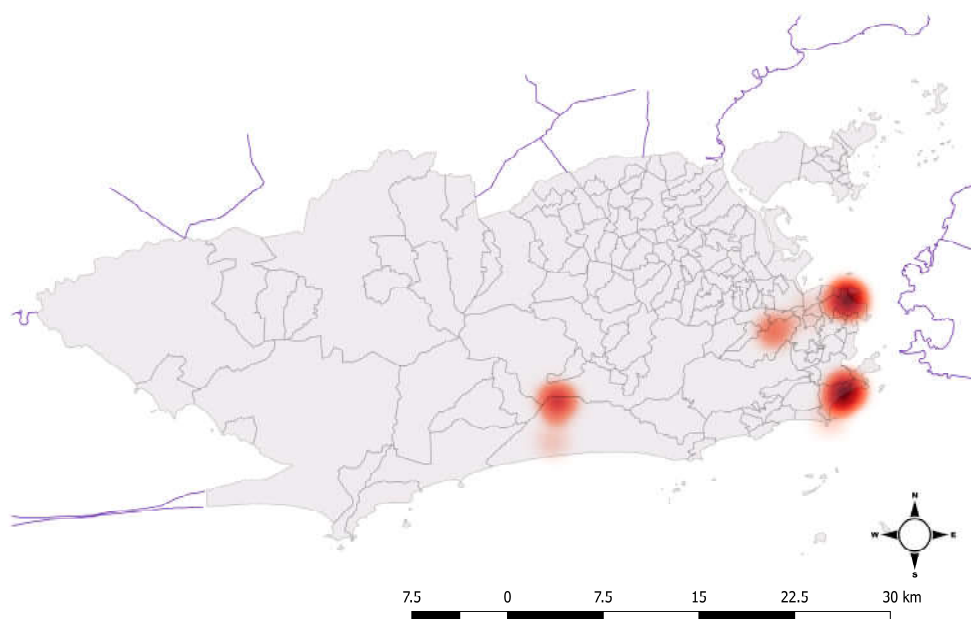


Figura 9 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2014

Já no ano de 2014 ocorreram 16 protestos relacionados aos megaeventos. Três deles em frente ao Copacabana Palace, no primeiro, cerca de 300 pessoas protestaram contra o projeto de lei do senador Marcelo Crivela, o qual considera qualquer manifestação popular ocorrida durante a realização da Copa do Mundo como ato de terrorismo, com sanções variando de 15 a 30 anos para os possíveis condenados. Já no segundo, organizado pela ONG Rio de Paz, protestando contra as mortes de crianças durante as operações policiais na cidade do Rio de Janeiro. No protesto, a ONG também levou a bola oficial da Copa do Mundo com cruces vermelhas, simbolizando o desperdício de dinheiro público, associado à falta de política pública para a área segurança e para as comunidades carentes, e às operações policiais justificadas pelos megaeventos. O terceiro também foi organizado pela ONG Rio de Paz, protestando contra a Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa). O grupo, composto por aproximadamente 50 pessoas, criticava a ausência de projetos sociais no país por parte da entidade, a qual tem angariado muitos lucros com a organização da Copa do Mundo Fifa 2014 no Brasil. Foram afixados na areia da praia doze cartões vermelhos gigantes em referência às doze cidades-sede do Mundial. A principal queixa dos manifestantes contra a Fifa se deve à isenção fiscal concedida pelo governo brasileiro à entidade, de modo que a Federação foi isenta de pagar mais de R\$ 1 bilhão em impostos. De acordo com Antônio Carlos

Costa, fundador da Rio de Paz, a quantia, bem como parte dos lucros alcançados pela Fifa durante o torneio, poderia ser utilizada na construção de quadras esportivas em escolas públicas e favelas brasileiras.

Outros dois também em Copacabana, no primeiro um grupo de manifestantes realizou um protesto na abertura da Copa do Mundo. Eles se concentraram na estação de metrô Cardeal Arcoverde, e seguiram para a Avenida Atlântica, perto da praia, onde estavam concentrados os torcedores na Fifa Fan Fest. Os manifestantes criticaram as remoções forçadas, os gastos excessivos com obras totalmente ineficientes, a elitização dos estádios e a forte repressão aos protestos. No segundo protesto os manifestantes partiram do Posto 6 e seguiram em caminhada pela Avenida Atlântica. O ato foi contra os gastos da Copa do Mundo, por isso a manifestação contou com muitos cartazes criticavam exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA) além de trazer mensagens de apoio às famílias removidas para obras públicas. Uma das principais pautas do protesto foi também a reivindicação de direitos para a população homossexual e transexual e o repúdio à homofobia, pois no dia 28 de junho é lembrado o Dia Internacional do Orgulho LGBT.

Quatro protestos ocorreram no eixo Barra da Tijuca-Jacarepaguá. Dois protestos eram de operários eram de operários que estavam trabalhando na construção do Parque Olímpico na Barra da Tijuca. A greve era por melhores condições salariais. O outro fazia parte da ocupação 'Ocupa Golfe', simbolizado pelo 'Golfe para quem?', a ocupação e o protesto estavam relacionadas às acusações sobre crime ambiental e evidências de práticas de ilícitos administrativos pelo prefeito Eduardo Paes, bem como explicações sobre porquê construir mais um campo de golfe na cidade, sendo que já existiam outros dois, o Gávea Golf Club e o Itanhangá Golf Club. Já o outro protesto era de moradores da Vila Autódromo, que cobravam ações da prefeitura referentes a obras de infra-estrutura na comunidade para que pudessem dar prosseguimento à implementação de seu Plano Popular. Os moradores reivindicavam a construção de rede de esgoto, a implementação na Vila Autódromo no Programa Saúde da Família, a recuperação da faixa marginal da Lagoa de Jacarepaguá, a construção de uma creche e de uma escola municipal, além de uma área para lazer e prática de esportes.

Durante a primeira partida do evento no Maracanã da Copa do Mundo também ocorreu um protesto, saindo a Praça Saens Pena e seguindo em direção ao Estádio Maracanã contra a Copa da FIFA. Durante a copa também houve outro protesto, onde cerca de 300 pessoas se reuniram na Tijuca, zona norte de Rio, na praça Saens Pena e saíram em um ato em direção ao Maracanã contra a Copa do Mundo, a violência nas UPPs e a prisão dos manifestantes Caio, Fábio e Rafael. O ato contou com a presença de representantes dos índios da Aldeia Maracanã - que não aceitaram a proposta do Minha Casa, Minha Vida - e dos garis que não estão satisfeitos com as negociações com o governo.

No centro da cidade, em frente ao Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro também houve um protesto a fim de pedir a soltura de dezessete ativistas acusados de organizar atos violentos em manifestações. Os manifestantes detidos também foram acusados de planejar um protesto de mesma natureza para o dia da final da Copa do Mundo Fifa 2014.

Também foi realizado um protesto no centro da cidade, com início na Candelária e seu fim na Lapa, no centro do Rio. O protesto foi marcado para comemorar um ano das grandes



manifestações de junho do ano passado. Além de protestar contra os gastos públicos excessivos com a Copa do Mundo, os ativistas também pediam mais recursos para as áreas de saúde e educação. Outros três protestos também ocorreram no centro, sendo um deles partindo da Central do Brasil e seguindo pela Avenida Presidente Vargas até à sede da Prefeitura, na Cidade Nova, protestando contra a realização da Copa do Mundo da FIFA 2014, e pedindo por melhorias e maiores investimentos estatais no transporte público, na educação e na saúde, criticando a verba pública gasta para a realização do megaevento. O outro protesto, saindo da Candelária e chegando na Lapa, foi contra os gastos excessivos da Copa do Mundo, além de reivindicar por saúde, educação e transporte públicos, gratuitos e de qualidade, direito à manifestação, Maracanã público e popular, democratização dos meios de comunicação, reforma agrária, direito à moradia, combate ao racismo, machismo e intolerância e apoio às greves e lutas dos trabalhadores. No centro da cidade também foi realizado um protesto na Candelária contra os exorbitantes gastos governamentais na realização da Copa do Mundo da Fifa 2014 no país, sendo o Rio de Janeiro uma das cidades-sede do megaevento. E o último protesto ocorreu na Candelária contra os exorbitantes gastos governamentais na realização da Copa do Mundo da Fifa 2014 no país, sendo o Rio de Janeiro uma das cidades-sede do megaevento.

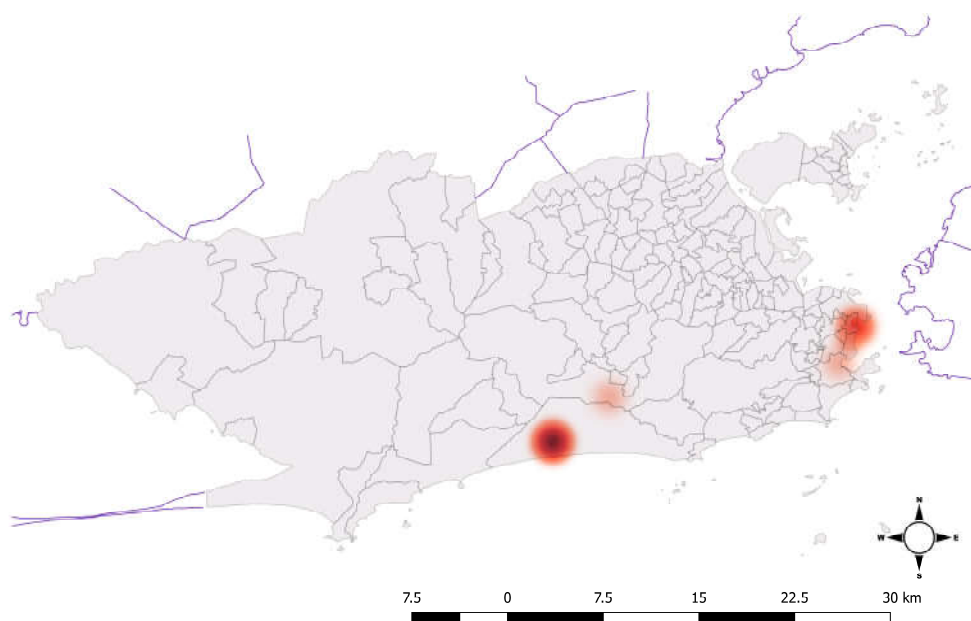


Figura 10 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2015

Já no ano de 2015 ocorreram sete protestos. Quatro desses protestos na Barra da Tijuca, pertencentes à ocupação 'Ocupa Golfe', protestando contra a construção de um campo de golfe para as Olimpíadas em uma área de Reserva Ambiental, nas margens da Lagoa de Marapendi.

Outro protesto ocorreu em Botafogo, moradores próximos da enseada de Botafogo, atletas de caiaques e canoas e ambientalistas fizeram no local um 'apitaço' contra a poluição



da Baía de Guanabara. Eles reivindicavam a despoluição da Baía de Guanabara, local de provas para as próximas Olimpíadas de 2016, que será realizado na cidade do Rio de Janeiro.

Os outros dois protestos ocorreram no Parque do Flamengo, manifestando contra o projeto de obras na Marina da Glória, elaboradas para as Olimpíadas de 2016. O protesto era contra a privatização da Marina da Glória e Parque do Flamengo, e reivindicavam embargo das obras bem como a despoluição das águas da Baía de Guanabara.

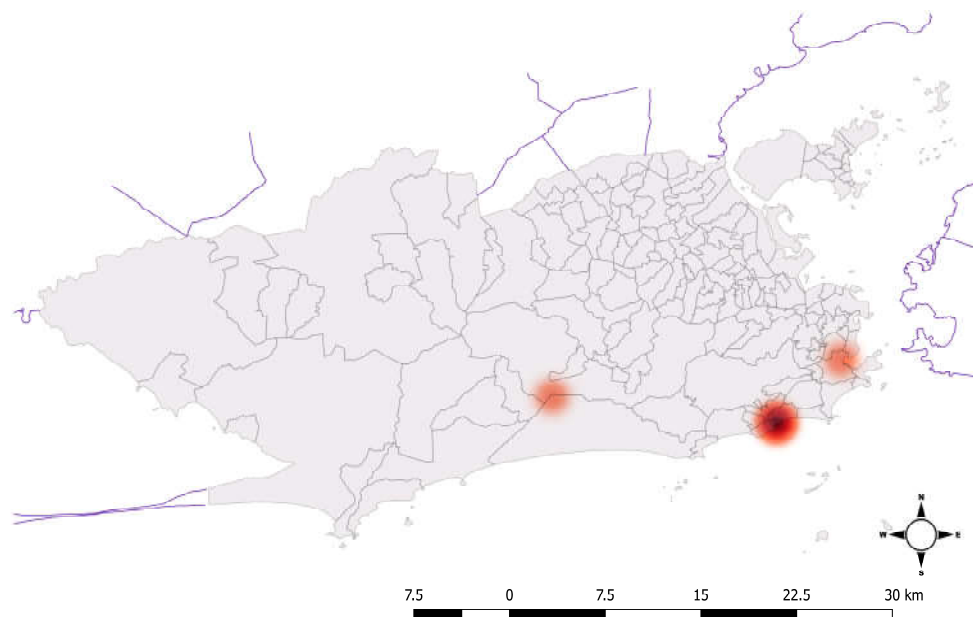


Figura 11 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2016

No ano de 2016, por sua vez, ocorreram quatro protestos. Dois deles em São Conrado, sendo o primeiro contra o Prefeito Eduardo Paes, durante o enterro de Ronaldo Severino da Silva, gari e morador da Rocinha, morto após a queda da ciclovia Tim Maia, no Joá, e o segundo para cobrar esclarecimentos sobre o desabamento da ciclovia Tim Maia, obra que faz parte do legado dos megaeventos.

O outro protesto foi de moradores da Vila Autódromo, contra as demolições no local. A área concentra várias arenas esportivas da Olimpíada de 2016, e teve a maioria das residências removidas para viabilizar os acessos ao Parque Olímpico.

O último em Botafogo, contra a poluição da Enseada de Botafogo, localizada na Baía de Guanabara, onde acontecerão as competições de vela dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. O ato cobrou medidas das autoridades estaduais para melhorar as condições ambientais do local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

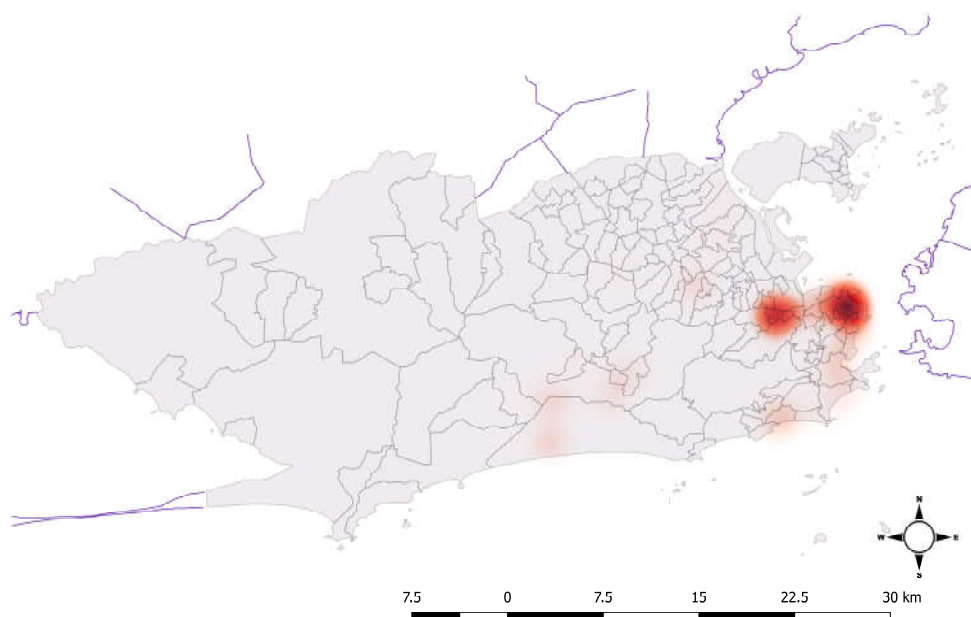


Figura 12 Mapa de Calor dos Protestos do ano de 2006 a 2016

Como vimos acima e como afirmam Vainer, Oliveira e Novais (2012), os megaeventos esportivos, enquanto grandes projetos urbanos, desencadearam muitas rupturas nos espaços físico e social da cidade do Rio de Janeiro e tiveram um efeito de desenvolvimento desigual na escala local, isto é, os grandes projetos urbanos são intervenções portadoras de expressivo potencial de disrupção.

Enquanto as intervenções urbanísticas como o(s) (grandes) projetos urbanos, como relatam Vainer, Oliveira e Novais (2012) deveriam ter como foco o alargamento e o aprofundamento da cidadania democrática bem como a redução das desigualdades socioespaciais vigentes, os megaeventos esportivos, tanto na cidade do Rio de Janeiro quanto no Brasil não contribuíram para que nossas cidades sejam mais democráticas e menos desiguais.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

FARIA, José Ricardo & POLI, Simone. Copa do Mundo 2014 em Curitiba: o jogo da exceção. In: SÁNCHEZ, F.; BIENENSTEIN, G.; OLIVEIRA, F. L.; NOVAIS LIMA JR. P. (org.). A Copa do Mundo e as Cidades. Políticas, Projetos e Resistências. Niterói: UFF, 2014.

OLIVEIRA, F. L. de, NOVAIS LIMA JR, P. Grandes projetos urbanos: panorama da experiência brasileira. In: Congresso da Associação de Estudos Latino Americanos, Rio de

Janeiro, 2009. Em:  
<http://lasa.international.pitt.edu/members/congresspapers/lasa2009/files/OliveiraFabricioLeal.pdf>

Mascarenhas, G. Para muito além do esporte: o urbanismo olímpico e seu legado social. In: Pan-americano de 2007: grande negócio para quem? Rio de Janeiro: Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul. (Série Globalização e Solidariedade, 4), 2005, p. 20-35.

MASCARENHAS, G; BORGES, F. C. Entre o empreendedorismo urbano e a gestão democrática da cidade: dilemas e impactos do Pan-2007 na Marina da Glória. Esporte e Sociedade, v. 4, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 1-26.

MUÑOZ, F. Olympic urbanism and Olympic Villages: planning strategies in Olympic host cities, London 1908 to London 2012. In: The Sociological Review. v. 54, December 2006, p. 175-187.

NACIF, Cristina; FAULHABER, Lucas. Desapropriações e remoções para tornar o Rio mais competitivo. In: SÁNCHEZ, F.; BIENENSTEIN, G.; OLIVEIRA, F. L.; NOVAIS LIMA JR. P. (org.). A Copa do Mundo e as Cidades. Políticas, Projetos e Resistências. Niterói: UFF, 2014. NOVAIS LIMA JR, P. Efeitos de teoria: o debate acadêmico sobre os projetos urbanos e a legitimação de novas formas de produção do território. In: OLIVEIRA, F. L.; CARDOSO, A. L.; COSTA, H. S. M.; VAINER, C. (org.). Grandes projetos metropolitanos. Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

NOBRE, E. A. C. The 2014 FIFA World Cup in Brazil: Hosting a sport mega-event in a BRIC context. In: NOBRE, E. (ed.) Sports Mega-events and Urban Legacies: The 2014 FIFA World Cup, Brazil. Londres: Palgrave Mcmillan, 2017.

NOBRE, E. A. C. megaeventos esportivos e desenvolvimento local: os impactos da Copa do Mundo FIFA de 2014 na Zona Leste de São Paulo. In: VAINER, C.; BROUDEHOUX, A.; SÁNCHEZ, F.; OLIVEIRA, F. L. (org.) Megaeventos e a Cidade: perspectivas críticas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

NOBRE, E.A.C.; BASSANI, J.; D'OTTAVIANO, C. São Paulo: Sport Mega-Events and the East End Local Development. In: NOBRE, E. A. C. (organizador) Sports Mega-events and Urban Legacies: The 2014 FIFA World Cup, Brazil. Londres: Palgrave Macmillan, 2017.

NOVAIS LIMA JR, P. Grandes Projetos Urbanos: Panorama da Experiência Brasileira. In: CUENYA, Beatriz; NOVAIS, Pedro; VAINER, Carlos (org.). Grandes projetos urbanos: olhares críticos sobre a experiência argentina e brasileira. Porto Alegre: Café de las Ciudades, 2013.

OLIVEIRA, Fabricio Leal de; SÁNCHEZ, Fernanda; BIENENSTEIN, Glauco et al. A Reforma do Estádio do Maracanã para a realização da Copa do Mundo 2014: Impactos Sociais e Urbanos. In: NOBRE, E. A. C.; BASSANI, J. (org.) Intervenções Urbanas em Áreas em Transformação de Cidades da América Latina. São Paulo: FAUUSP, 2015. p. 17-36.

OLIVEIRA, F L, TANAKA, G, BIENENSTEIN, R. A batalha da Vila Autodromo: 'negociação' e resistência à remoção. In: VAINER, C.; BROUDEHOUX, A.; SÁNCHEZ, F.; OLIVEIRA, F. L. (org.) Megaeventos e a Cidade: perspectivas críticas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

SAMATAS, M. Surveillance in Athens 2004 and Beijing 2008: A Comparison of the Olympic Surveillance Modalities and Legacies in Two Different Olympic Host Regimes. *Urban Studies*, 2011, 48(15) (pp.3347-3366).

SILVA, Marcella C. A. Rio em forma olímpica: a construção social da pacificação na Cidade do Rio de Janeiro. In: MISSE, M. & WERNECK, A. (org.). *Conflitos de (grade) interesse. Estudos sobre crimes, violências e outras disputas conflituosas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

STAVRIDES, Stavros. Olimpíadas de Atenas 2004: um estado de exceção urbano que se transformou em regra In: VAINER, C.; BROUDEHOUX, A.; SÁNCHEZ, F.; OLIVEIRA, F. L. (org.) *Megaeventos e Cidades: perspectivas críticas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

TANAKA, Giselle & COSENTINO, Renato. Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro: movimentos sociais urbanos e novas articulações políticas. In: SÁNCHEZ, F.; BIENENSTEIN, G.; OLIVEIRA, F. L.; NOVAIS LIMA JR. P. (org.). *A Copa do Mundo e as Cidades. Políticas, Projetos e Resistências*. Niterói: UFF, 2014.

VAINER, Carlos. *Mega-eventos, Mega-negócios, Mega-protestos. Uma Contribuição ao Debate sobre as Grandes Manifestações e as Perspectivas Políticas*. Mimeo. 2013.

VAINER, C.; OLIVEIRA, F. L.; NOVAIS LIMA JR. Notas metodológicas sobre a análise de grandes projetos urbanos. In: OLIVEIRA, F. L.; CARDOSO, A. L.; COSTA, H. S. M.; VAINER, C. (org.). *Grandes projetos metropolitanos*. Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

VIANA, Larissa. Copa do Mundo e legado para quem? O furacão Copa em Fortaleza – Ceará. In: NOBRE, E. A. C.; BASSANI, J. (org.) *Intervenções Urbanas em Áreas em Transformação de Cidades da América Latina*. São Paulo: FAUUSP, 2015. p. 17-36.